



# POLARIS

H. P. LOVECRAFT

Livraria Pública

# POLARIS

H. P. Lovecraft

visite:

**Livraria Pública**

Milhares de eBooks Gratuitos

[livrariapublica.com.br](http://livrariapublica.com.br)

# POLARIS

H. P. Lovecraft

Pela janela norte de meu quarto brilha a Estrela Polar com misteriosa luz. E durante as diabólicas longas horas de escuridão, ela ali brilha. E na estação outonal, quando os ventos do norte imprecam e lamentam, e as árvores de folhas avermelhadas do pântano murmuram umas para as outras nas primeiras horas da madrugada sob a lua minguante, sento-me ao pé do caixilho e fico observando essa estrela. Descendo das alturas cambaleia a cintilante Cassiopéia à medida que as horas passam, enquanto a Ursa Maior assoma por trás das árvores do pântano vaporoso que se embalam ao sopro da viração noturna. Pouco antes da aurora, Arcturus pisca incendiada acima do cemitério, sobre o outeiro, e a Cabeleira de Berenice tremula fantasmagórica e distante no misterioso leste, mas a Estrela Polar espreita ainda do mesmo lugar na escura abóbada, piscando odiosamente com um insano olho vigilante que se esforça para transmitir alguma estranha mensagem, sem nada evocar exceto que algum dia teve alguma mensagem a transmitir.

As vezes, com tempo nublado, consigo dormir.

Recordo-me perfeitamente da noite da grande Aurora, quando brincavam sobre o pântano as repelentes fulgurações da diabólica luz. Depois da luz vieram nuvens, e então dormi.

E foi sob uma lua minguante que avistei a cidade pela primeira vez. Calma e sonolenta ela jazia sobre um estranho platô numa depressão entre estranhos picos. De mármore extasiante eram suas muralhas e suas torres, suas colunas, domos e pisos. Nas ruas de mármore, erguiam-se pilares de mármore cujos topos eram entalhados com as imagens de graves homens barbados. O ar estava tépido e calmo. E no alto, a cerca de dez graus do zênite, luzia a vigilante Estrela Polar. Mirei longamente a cidade, mas o dia não veio. Quando a rubra Aldebaran, que piscava a baixa altura no céu mas nunca se punha havia se arrastado por um quarto do caminho do horizonte, avistei luz e movimento nas casas e nas ruas.

Circulavam por ela formas curiosamente trajadas, mas ao mesmo tempo nobres e familiares, e, sob a lua, homens conversavam sabiamente numa língua que eu jamais conhecera. E quando a rubra Aldebaran se arrastara por mais da metade do horizonte, houve novamente escuridão e silêncio.

Quando despertei, havia mudado. Gravada em minha memória estava a visão da cidade, e dentro de minha alma surgia uma outra e vaga recordação, de cuja natureza não estava bem certo. Dali em diante, nas noites nubladas em que conseguia dormir, via frequentemente a cidade; às vezes sob os tépidos raios amarelos de um sol que nunca se punha, circulando a baixa altura da linha do horizonte. E, nas noites claras, a Estrela Polar espreitava como nunca.

Gradualmente comecei a meditar sobre o lugar que poderia ocupar naquela cidade no estranho platô entre estranhos picos. Inicialmente contente de ver a cena como um observador etereamente presente, agora desejava definir minha relação com ela e abrir minha mente entre os homens graves que palestravam cotidianamente nas praças públicas. Disse para mim mesmo: “Isto não é um sonho, pois de que outra maneira poderei provar a realidade verdadeira daquela outra vida na casa de pedra e tijolo ao sul do sinistro pântano e do cemitério sobre o outeiro, onde a Estrela Polar espreita por minha janela do norte a cada noite?”

Certa noite, enquanto escutava a conversa na grande praça repleta de estátuas, senti uma mudança e percebi que pelo menos havia conseguido uma forma corpórea. Também já não era um estranho nas ruas de Olathoe, que fica sobre o planalto de Sarkia, entre os picos Noton e Kadiphonek. Foi meu amigo Aios quem falou, e sua fala deleitou minha alma pois era a fala de um homem íntegro e patriótico. Naquela noite chegaram notícias da queda de Daikos e do avanço dos Inutos, infernais demônios amarelos atarracados que tinham surgido havia cinco anos vindo do desconhecido oeste para saquear os confins de nosso reino e sitiar muitas de nossas cidades. Tendo tomado as fortificações no sopé das montanhas, seu caminho estava agora aberto para o planalto, a menos que cada cidadão pudesse resistir com a força de dez homens. Pois as criaturas atarracadas eram poderosas nas artes da guerra e não tinham os escrúpulos de

honra que vedavam a nossos homens altos e de olhos cinzentos de Lomar a conquista implacável.

Aios, meu amigo, era comandante de todas as forças do planalto e nele estavam depositadas as últimas esperanças de nossa terra. Nesta ocasião, ele falou dos perigos que deveriam ser enfrentados e exortou os homens de Olathoe, os mais bravos entre os lomarianos, a honrar as tradições de seus ancestrais que, forçados a se deslocar para o sul de Zobna antes do avanço do grande lençol de gelo (assim como nossos descendentes algum dia terão que fugir da terra de Lomar), varreram com bravura e vitoriosamente os Gnophkehs, peludos canibais de longas armas que se atravessaram em seu caminho. Para mim, Aios negou participação nas atividades bélicas, pois eu era frágil e sujeito a estranhos desmaios quando exposto a situações de tensão e fadiga. Mas meus olhos eram os mais penetrantes da cidade apesar das longas horas que dispensava, todos os dias, ao estudo dos Manuscritos Pnakóticos e à sabedoria dos Patriarcas Zobnarianos. Meu amigo, não querendo condenar-me à inação, recompensou-me com um dever cuja importância não era inferior a nenhuma outra. Enviou-me para a torre de vigia de Thapnen para servir de olhos ao nosso exército. Se os Inutos tentassem tomar a cidadela pelo estreito passo por trás do pico Noton surpreendendo assim a guarnição, eu devia dar o sinal de fogo que preveniria os soldados de prontidão e salvaria a cidade do desastre iminente.

Galguei a torre sozinho, pois todo homem saudável era necessário nos desfiladeiros abaixo. Meu cérebro estava fortemente entorpecido de excitação e fadiga, pois não tinha dormido durante muitos dias. Minha disposição, porém, era firme, pois amava minha terra natal de Lomar e a cidade de mármore de Olathoe entre os picos Noton e Kadiphonek. Mas enquanto me quedava na mais alta câmara da torre, avistei a lua, rubra e sinistra, tremeluzindo através dos vapores que pairavam sobre o distante vale de Banof. E por uma abertura no telhado ardia a pálida Estrela Polar, flutuando como se estivesse viva e espreitando como um demônio tentador. Creio que seu espírito sussurrava maus conselhos, provocando-me uma traiçoeira sonolência com a abominável promessa ritmada que repetia incessantemente:

Dorme, guarda, até as esferas  
Terem rodopiado mil eras  
E que eu arda ao voltar  
Onde agora é o meu lugar.  
Novos astros vão chegar  
Para no céu se instalar;  
Astros que louvam, acalentam  
E o suave olvido implantam:  
Só quando encerrar o meu giro  
O passado inquietará teu retiro.

Lutei inutilmente contra a sonolência, tentando relacionar essas estranhas palavras com algum conhecimento dos céus que aprendera nos manuscritos Pnakóticos. Minha cabeça, pesada e cabeceando, caiu sobre o peito, e quando tornei a olhar para cima, foi num sonho, com a Estrela Polar sorrindo para mim, através de uma janela, de cima das horrendas árvores balouçantes de um pântano onírico. E continuo sonhando.

Em minha vergonha e desespero, às vezes grito freneticamente implorando que as oníricas criaturas que me cercam me despertem antes que os Inutos cruzem o passo atrás do pico Noton e tomem a cidadela de surpresa. Mas essas criaturas são demônios, pois riem para mim e dizem-me que não estou sonhando. Elas zombam de mim enquanto durmo e enquanto os atarracados inimigos amarelos podem estar rastejando silenciosamente para cair sobre nós. Faltei com meu dever e traí a cidade de mármore de Olathoe; fui desleal a Alos, meu amigo e comandante. Mas essas sombras de meus sonhos ainda zombam de mim. Dizem que não existe uma terra de Lomar exceto em minhas fantasias noturnas; que nesses remos onde brilha, no alto, a Estrela Polar, e a vermelha Aldebaran se arrasta a baixa altura no horizonte, nunca houve nada, por milhares de anos, exceto gelo e neve, e homem nenhum, exceto as atarracadas criaturas amarelas, fustigadas pelo frio, a quem chamam de “Esquimós”.

E enquanto escrevo em culposa agonia, ansiando pela salvação da cidade cujo perigo cresce a cada instante, lutando inutilmente para me livrar desse sono desnaturado de uma casa de pedra e tijolo ao sul de um pântano sinistro e um cemitério num outeiro, a Estrela Polar, funesta e monstruosa, espreita para baixo da negra abóbada, piscando odiosamente como um insano olho vigilante, esforçando-se para enviar alguma mensagem que nada evoca exceto que algum dia teve uma mensagem a enviar.

FIM